

A ausência é uma falta

25. Ser objetivamente culpável é ser culpável sem estar consciente disto, culpável independentemente de sua vontade e da de todos, estando a culpabilidade inscrita no próprio ato.

26. A emigração é uma falta no sentido literal do termo, no sentido de falta (o emigrante faz falta ao grupo, como o aluno pode faltar à aula, a ausência é em si uma falta); inclusive no sentido moral da palavra, no sentido de "culpa", sendo, aliás, este último sentido não totalmente excluído do primeiro.

27. "Eu não vendi a minha parte no povoado", ouve-se frequentemente dizer.

28. Sofrimentos não somente físicos, mas também morais, que consistem nos atentados frequentes à dignidade, à auto-estima, à honra da pessoa, reações que se devem colocar sob o título de racismo.

29. Eles trabalham seguramente para si, mas também e mais que todos os seus outros concidadãos, para a sociedade ou comunidade de origem pelas quais eles aceitaram o sacrifício da emigração.

Compreende-se também que os emigrantes experimentam - em sua ânsia de apagar sua emigração, de fazer esquecer esta ausência objetivamente culpável²⁵, que acreditam profundamente dever reparar para redimir a falta, resgatando-se desta dupla falta que é a emigração²⁶, os emigrantes de volta para casa, e às vezes antes mesmo disso - a necessidade de aplacar sua fome e sua sede do país, tentando diretamente, ou por procuração, ocupar aí o maior lugar, estar presente intensamente, em todos os lugares, em todos os momentos, em todas as circunstâncias (se necessário recorrendo à mediação de um vicariato), como se fosse uma questão de honra recuperar os anos de emigração, preencher o vazio deixado por estes anos vividos alhures: mais em outros lugares do que no seu próprio, mais fora do que dentro, mais longe do que perto e junto...; anos que, sob a ótica da presença coadjuvante no grupo, não podem deixar de parecer anos vazios, perdidos, vãos ou fugazes.

Frequentemente, a casa construída no país de origem não tem outra função que esta: recordar a presença desaparecida e negar este desaparecimento. Porém, por força de querer corrigi-la, atenuá-la, mascará-la, negá-la, exorcizá-la, não se estaria indicando-a, apontando-a, reforçando-a? No lugar de uma casa deixada vazia, não se construiria uma outra à qual se conferiria a missão simbólica de testemunhar que, apesar da emigração, permanecer-se-ia ali²⁷, mesmo condenando-a, ela também, a continuar vazia? São duas faltas das quais se esperava que uma compensasse a outra, mas que, aqui, acumulam-se frequentemente. No âmago de cada indivíduo, emigrar é como uma maneira de desertar e, no limite, uma forma de traição. Sempre paira sobre a emigração esse ar de suspeita, uma atmosfera de desconfiança interiorizada e reprimida, que se proíbe, salvo exceções, de manifestar ou de proclamar em alta voz. O emigrante não é, portanto, aquele que passou para o outro lado? E, mesmo que fosse por uma boa causa, não é aquele que aderiu ao campo oposto, qualquer que seja este campo, o dos ricos, dos poderosos, dos dominantes, e, em última análise, o campo dos adversários?

Esta é, sem dúvida, a razão secreta de todos os protestos (mais ou menos de boa fé) de que se cerca o discurso sobre a emigração, aquele dos

próprios emigrantes, evidentemente, e aquele de seus compatriotas ou conterrâneos: um discurso que é inteiramente de louvores, de celebração dos méritos da emigração, ou de outro porém igual modo, discurso de comiserção, que insiste talvez demasiadamente sobre as penas e sofrimentos²⁸ suportados pelos emigrantes, que têm que viver na terra dos outros, servindo aos outros, apresentando-se, então, como trabalhadores forçados, do trabalho mais depreciado, mais desprezível, desqualificado e desqualificante; portanto, como heróis de devotamento²⁹, voluntários de um outro combate, combatentes da sombra...

Louvam-se sua coragem, seu sacrifício, sua generosidade, sobretudo quando, após tudo isto, eles retornam, o que faz deles os campeões da fidelidade, pois provaram desta maneira seu apego à terra, ao grupo, à pátria, assumindo assim quase ares de santos. Mas, na realidade, esse discurso, por mais sincero que seja, e esquecendo também a quem e a quê ele é destinado, não esconderia alguma coisa? Inveja, ciúme, até mesmo ódio e, em todo caso, a intenção segura de enquadrar esses dissidentes que podem se afirmar como sérios concorrentes em todos os planos, e não apenas no econômico e no social, mas também em todo o sistema de relações de força materiais e simbólicas.

A ascensão social destes mutantes de um novo gênero é duvidosa, em todos os domínios. Ela é tida sob suspeita e lhe faltaria legitimidade, porque foi adquirida (pode-se reprová-la) em outros lugares e fora das vias ortodoxas. A concorrência não é somente de ordem econômica, pois, indissociavelmente ligada à ordem cultural, ela se retraduz e encontra sua confirmação em uma ordem simbólica, sob a forma de uma concorrência na ordem do prestígio e das lutas no interior da hierarquia das classificações sociais. Tanto a ascensão social (com suas gratificações simbólicas), como as inovações culturais (com suas retraduições na esfera econômica) revestem-se de uma significação diferente, caso sejam endógenas e totalmente indígenas ou, ao contrário, exógenas e alógenas (ou suscetíveis de serem assim denominadas), ou caso sejam importadas do exterior ou, ao contrário, engendradas localmente.

Em um caso, aquele dos emigrantes retornados e tidos como transfigurados pela emi-

gração, as novidades que podem lhes ser atribuídas prestam-se facilmente ao risco da estigmatização, e mesmo da anatematização; por outro lado, no caso inverso, aquele aparentemente da criação espontânea, totalmente autônoma, que não se reporta a nenhum modelo estrangeiro, as mesmas novidades podem ser louvadas pelo prestígio de seus promotores.

Neste contexto, pode ocorrer que os emigrantes, após seu retorno, apareçam como desnaturados portadores de todas as perversões possíveis (notadamente culturais) - já que eles próprios foram pervertidos no contato com o estrangeiro -, assim como das subversões engendradas para a ordem social que também é, necessariamente, uma ordem moral. Neste sentido, eles poderiam ser uma espécie de desmancha-prazeres, enfim, heréticos em potencial.

Com efeito, esses homens que retornaram da imigração³⁰, homens do entre-dois - entre-dois-lugares, entre-dois-tempos, entre-duas-sociedades, etc. - são também, e principalmente, homens entre-duas-man-eiras-de-ser ou entre-duas-culturas. E, sem dúvida, o processo mais pernicioso que pode alcançá-los e que pode ocorrer seja na emigração de uns, como na imigração de outros, é um processo sobretudo cultural: seus argumentos, assim como os elementos por ele restabelecidos, são de natureza cultural, essencialmente concernentes ao modo de vida, às maneiras de pensar e de agir, aos comportamentos, às práticas cotidianas, às atitudes, etc., e referem-se, em última análise, a tudo o que é subsumido sob o processo de assimilação, ao que está implicitamente contido no que se reconhece como semelhança e dessemelhança. De um lado e de outro, a emigração e a imigração são suspeitas de subversão e mais ou menos abertamente acusadas de alterações culturais. É através delas que se introduzem práticas suscetíveis de perturbar a homogeneidade cultural do grupo e prejudicar sua autenticidade fundadora. Evidentemente, o risco é maior do lado do mais fraco, do lado daquele que, neste confronto, está na posição de dominado, isto é, do lado da emigração; quando a ameaça é maior, a acusação - mesmo silenciada e reprimida - é ainda mais violenta, e o processo imposto aos emigrantes retornados, enquanto portadores desta ameaça, é tanto mais fácil e injustamente instruído.

A emigração e a imigração carregam consigo objetivamente a ameaça de atentado à integridade cultural. A primeira, por fabricar a dessemelhança entre os emigrantes, e consequentemente, por extrair desta experiência

migratória modelos ditos estrangeiros e que, segundo os momentos e os interesses adotados nessa perspectiva, podem ser tanto levados em consideração, como podem ser atingidos por um anátoma. A segunda, por fabricar ou tender a fabricar a semelhança, a similitude entre os imigrantes, e para não dizer, idealmente, a assimilação, contribuindo, assim, para reduzir a alteridade que eles constituem e introduziram na sociedade de imigração. No limite, nas duas extremidades da cadeia, trata-se da mesma suspeita e do mesmo processo de alteridade, tanto no caso da emigração e, mais precisamente, dos emigrantes que retornaram, como no outro caso, o da imigração, até a redução total e a dissolução integral da diferença por ela constituída.

Para completar a outra vertente da relação - desta vez, com a sociedade de imigração, testemunhada pelo retorno - é preciso reconhecer que o segundo aspecto dessa mesma relação dupla é correlato ao primeiro. O retorno consagra esses dois aspectos que carrega consigo e do qual é, em grande parte, o produto: ele ilustra simultaneamente a relação que o emigrante estabelece com tudo aquilo de que se separou graças à sua emigração (a relação com o grupo e a relação com o espaço e o tempo próprios ao grupo, etc.), como também a relação que o imigrante mantém simultânea e correlatamente com a sociedade de imigração e com sua condição de imigrante. Na realidade, essa dupla relação é apenas a relação que cada um dos emigrantes-imigrantes estabelece consigo mesmo, uma encontrando na outra seu modo real de expressão e sua forma própria de objetivação. Tendo que viver na terra dos outros, entre eles e com eles, só se pode viver, mais ou menos aberta e profundamente, um pouco à sua maneira, em quase todas as esferas da existência; só se pode lhes dar a impressão de estar inteiramente disposto a viver como eles, a se fazer assimilar por eles e, tanto quanto possível, o que não se diz frequentemente, a assimilá-los³¹. Mas, ao mesmo tempo, e sem que haja a menor contradição, toma-se o cuidado de se persuadir e também de convencer uns e outros e, neste caso, mesmo aqueles entre os quais se é imigrante, que apesar de tudo, se é fiel a si, às suas origens, conforme à sua identidade, a mobilização por este sentimento de fidelidade a si e de conformidade à sua identidade em um contexto que parece levar, ao contrário, a rupturas, sendo evidentemente desiguais segundo os domínios - o investimento que se diria identitário não podendo ser o mesmo em toda a parte, em todos os lugares e tempos.

30. No duplo sentido da palavra voltar, no sentido de retorno e no sentido de despertar de suas ilusões, ou de suas esperanças.

31. A similitude alcançada pelo processo de assimilação tem suas próprias condições de possibilidade e, além do mais, conhece níveis de realização diferentes conforme os domínios, as melhores performances atingidas quando há conjugação das disposições individuais (sociologicamente determinadas) e das solicitações externas.